

AMADO, GILBERTO

*jornalista e diplomata; dep. fed. SE 1915-1917 e 1921-1926; sen. SE 1927-1930; emb. Bras. Chile 1936-1937; emb. Bras. Itália 1939-1942.

Gilberto de Lima Azevedo Sousa Ferreira Amado de Faria nasceu em Estância (SE) no dia 7 de maio de 1887, filho de Melquisedec Amado de Faria e de Ana de Lima Azevedo Sousa Ferreira. Sua família produziu uma série de escritores, entre os quais seus irmãos Genolino, Gildásio e Gílson e seus primos Jorge e James Amado.

Após ter sido alfabetizado pela mãe, ingressou no Ateneu Sergipano, onde iniciou os estudos preparatórios. Em 1902 matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, obtendo o diploma de farmacêutico no ano seguinte. Retornou então a Aracaju, onde concluiu o curso preparatório em 1904 e foi nomeado lente de ciências físicas e naturais da Escola Normal de Sergipe. Nesse mesmo ano, começou a colaborar nos jornais *Estado de Sergipe* e *Folha de Sergipe*.

Em 1905 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, e no ano seguinte passou a escrever para o *Diário de Pernambuco* a seção diária “Golpes de vista”. Nessa época, sustentou polêmica com os jornais *A Província* e *Correio de Recife* em torno da obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que procurava difundir. Também proferiu conferências na Faculdade de Direito e em outras instituições de Recife. Em 1909, foi escolhido pelos alunos da faculdade para representá-los no congresso de estudantes que se realizou em São Paulo no mês de agosto. Ainda estudante, tornou-se primeiro oficial da Câmara de Deputados de Pernambuco.

Após formar-se em 1909, foi nomeado promotor público em Aracaju, mas recusou o cargo, preferindo dedicar-se ao jornalismo. Seguiu para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no início de 1910, e passou a publicar no *Jornal do Comércio* artigos sobre literatura que lhe valeram o reconhecimento no meio literário da capital federal. Em seguida, foi admitido no corpo de colaboradores de *A Imprensa*, sob a direção de Alcindo Guanabara, e depois em *O País*. Nesse jornal escrevia a crônica dominical “A Semana”. Na mesma época, escrevia para o jornal *Comércio de São Paulo*. Em 1911 voltou para Recife, a fim de assumir o cargo de professor substituto da cadeira de direito penal da Faculdade de Direito, para o qual fora nomeado. Ainda em 1911 casou-se com Alice do Rego Barros Gibson. Entre os inúmeros órgãos de imprensa em que colaborou ao longo de sua carreira jornalística figuram, além dos já citados, *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Folha do Norte* (do Pará), *Gazeta de Notícias*, *A Pátria*, *América Brasileira*, *Mundo Literário*, *O Cruzeiro* e *Época*. Costumava também assinar seus artigos com os pseudônimos de Áureo ou Gil.

Em 1912 candidatou-se a deputado federal por Sergipe, mas não conseguiu se eleger. Após as eleições, foi mandado em comissão à Europa pelo governo brasileiro, em viagem de estudos. Em 1914, após a publicação de seu primeiro livro, *As chaves de Salomão*, candidatou-se sem sucesso à Academia Brasileira de Letras. Em 1915 foi eleito deputado federal por Sergipe. Tomou posse em maio, e em junho seguinte matou a tiros o poeta Aníbal Teófilo no saguão do *Jornal do Comércio* por questões pessoais. Recolhido à Brigada Policial, ficou à disposição da Justiça e foi absolvido tempos depois. Permaneceu

na Câmara até dezembro de 1917, voltando à atividade jornalística ao fim do mandato. Em 1919 passou a redator-chefe da *Época*, mas continuou a escrever para diversos outros órgãos de imprensa.

Novamente eleito deputado federal por Sergipe em 1921 e reeleito em 1924, permaneceu na Câmara até o final de 1926. Durante esse período, fez parte da Comissão de Diplomacia e Tratados e da Comissão de Finanças. Seus pareceres nesta última sobre o orçamento do exterior suscitaram teses que tiveram influência sobre a orientação da diplomacia brasileira. O parecer que emitiu em 1924 abordando a atitude do Brasil em face do pan-americanismo mostrava-se favorável a um estreitamento das relações entre os países latino-americanos e os Estados Unidos.

Em 1927 tornou-se diretor da Caixa Econômica do Rio de Janeiro e foi eleito senador por Sergipe. Empossado no Senado, exerceu o mandato até 1930, quando a vitória da revolução de outubro suspendeu o funcionamento dos órgãos legislativos do país. Ainda no Senado, desenvolveu estudos sobre a diplomacia brasileira. Ao longo de sua carreira no Congresso participou das conferências interparlamentares de comércio realizadas em Roma (1925), Londres (1926), Paris (1927) e Berlim (1930). Em 1930, deixou a cátedra de direito penal da Faculdade de Direito do Recife e pediu transferência para a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Nomeado consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores em 1934, participou em 1935 da delegação brasileira à Conferência para a Manutenção da Paz realizada em Buenos Aires. Em dezembro do mesmo ano foi efetivado como ministro plenipotenciário de primeira classe. Exerceu as funções de embaixador e ministro plenipotenciário inicialmente em Santiago do Chile, de 1936 a 1937. Em 1938 foi nomeado diretor-geral da biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, antes de seguir como embaixador para Helsinque, na Finlândia, onde permaneceu até 1939. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi o último embaixador brasileiro em Roma (1939-1942) antes do rompimento de relações com os países do Eixo. Em seguida, foi embaixador em Berna (1942-1943).

Posto em disponibilidade em 1943, representou o Brasil no Conselho Administrativo da Repartição Internacional do Trabalho em 1945 e, desde 1946, foi delegado do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU), tendo representado o país em diversas sessões ordinárias e extraordinárias da entidade. Além disso, participou em 1947 do Conselho Interamericano Econômico e Social, em Washington, e foi membro e diversas vezes presidente da Comissão de Direito Internacional da ONU. Em 1951, representou ainda o Brasil na Comissão Internacional de Jurisdição Criminal, antes de aposentar-se de suas funções diplomáticas em maio de 1952. Dedicando-se a partir de então especialmente à produção literária, aceitou contudo chefiar a delegação brasileira à Conferência da ONU sobre o Direito de Mar em 1960.

Pelos cinco volumes que publicou na década de 1950 (*História de minha infância*, 1954; *Minha formação no Recife*, 1955; *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*, 1956; *Presença na política*, 1958, e *Depois da política*, 1960), Gilberto Amado é apontado como um dos expoentes do memorialismo na moderna literatura brasileira. A maioria dos críticos valoriza esse aspecto de sua obra, especialmente do ponto de vista estritamente literário,

mas sua vasta produção ensaística também é notável, destacando-se o exame da realidade e do caráter sociocultural do Brasil, sobretudo da vida política, contido em *As instituições políticas e o meio social no Brasil* (1924), *Eleições e representação* (1931), e *Presença na política* (1958). Entre as ideias expostas, destaca-se a crítica às formas de representação, ao militarismo, à fragilidade das instituições, ao predomínio dos grandes estados e à persistência do mecanismo de importação dos padrões culturais e institucionais europeus, os quais, a seu ver, deveriam ser substituídos pela procura de formas brasileiras, condizentes com as condições peculiares do país, e pela adoção de uma política de aproximação com as demais nações do continente americano.

Através de sua obra e de sua militância jornalística, exerceu considerável influência sobre as gerações brasileiras formadas depois de 1915. Ocupou a cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1963, e pertenceu a inúmeras associações, entre as quais o Instituto dos Advogados do Brasil, o Instituto de Direito Internacional e o Museu Social Argentino, do qual foi sócio-correspondente desde 1923.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1969.

Além dos livros já mencionados, publicou ainda: *O instinto* (contos, 1910), *Suave ascensão* (poesia, 1917), *Grão de areia: estudo de nosso tempo* (1919, 2ª ed. modificada, 1948), *Aparências e realidades* (1922), *Espírito de nosso tempo* (1932), *A dança sobre o abismo* (1932, 2ª ed., 1952), *Dias e horas de vibração* (impressões de viagem, 1933), *Perfil do presidente Getúlio Vargas* (1936), *Inocentes e culpados* (2ª ed., 1941), *Os interesses da companhia* (1942), *Sabor do Brasil* (1953) e *Poesias* (1954, 2ª ed., 1967).

A seu respeito foram publicados artigos em jornais e revistas especializadas, além do livro de Homero Sena *Gilberto Amado e o Brasil* (1968).

Sílvia Pantoja

FONTES:

ABRANCHES, C. *Gilberto*; ABRANCHES, J. *Governos*; ARQ. GETÚLIO VARGAS; ARQ. OSVALDO ARANHA; BITTENCOURT, L. *Homens I*; BRANCHES, V. *Dicionário*; CÂM. DEP. *Relação dos deputados*; COELHO, J. *Dicionário*; CONSULT. MAGALHÃES, B.; COUTINHO, A. *Brasil*; DAUDT FILHO, J. *Memórias*; *Encic. Mirador*; *Encic. prática Jackson*; *Grande encic. Delta*; *Grande encic. portuguesa*; GUARANÁ, M. *Dic.*; GUIMARÃES, A. *Dicionário*; *Ilustração Brasileira* (12/22); *Jornal do Brasil* (29/6/70, 5/1/77); *Jornal do Comércio*, RJ (28/8/69); MENESES, R. *Dic.*; MIN. REL. EXT. *Almanaque* (1943); MIN. REL. EXT. *Anuário*; OLIVEIRA, C. *Biografia*; PINTO, A. *Caixa*; PORTELA, E. *Dimensões*; REIS, A. *Poetas*; RODRIGUES, J. *Algumas*; SILVA, R. *Bacharéis*; SODRÉ, N. *História da imprensa*; SOUSA, J. *Índice*.